

## J. V. DE PINA MARTINS EM CONVÍVIO COM OS CLÁSSICOS

AIRES A. NASCIMENTO\*

Quem algum dia teve o privilégio de ser recebido na biblioteca pessoal de José Vitorino de Pina Martins, na Rua Marquês da Fronteira, n.º 4 C, 5.º d.to, foi possivelmente surpreendido pela revelação de um pequeno livro, de encadernação oitocentista e cor vermelha, guardado em caixa forrada a veludo da mesma cor: nada menos que a edição de Horácio saída em 1501 dos prelos de Aldo Manúcio, adquirida em Paris a um antiquário, André James, grande erudito, especialmente atento às novidades do mercado livreiro e particularmente lúcido em reconhecer e identificar raridades de origem portuguesa. Foi este exemplar dispensado por ele a J. V. de Pina Martins, a título de favor e amizade, por uma pequena fortuna – de nada menos que 80. 000 Francos franceses (em moeda antiga, cerca de 2 500 contos, ou sejam 12 500 euros)<sup>1</sup>.

---

\*Director de projectos científicos nas áreas de filologia e de literatura latina medieval e renascentista, alguns deles em colaboração com instituições estrangeiras, autor de numerosas monografias e estudos nessas mesmas áreas, foi Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director do Centro de Estudos Clássicos dessa mesma Universidade e Director da revista *Euphrosyne*. Pertence a várias academias nacionais e estrangeiras (nestas se contando a *Academia Properziana*, de Assis). Introduziu em Portugal os estudos de filologia latina medieval, de codicologia e de tratamento informático de textos. É membro da Comissão Científica da revista *Estudos Italianos em Portugal*.

<sup>1</sup> Horatius, *Carmina*, Venetiis, apud Aldum Romanum, mense Maio MDI (in 8.º,

J. V. Pina Martins guardava esse exemplar em grande honra e teve oportunidade de escrever as razões do apreço que lhe devotava, quando elaborou as memórias da sua biblioteca em *Histórias de livros para a História do livro*. O enlevo consagrado a este exemplar do texto de Horácio tê-lo-ia ouvido o visitante da biblioteca da própria voz do seu digno proprietário, pois com ele costumava iniciar a visita. No livro, ficou uma interpelação que define uma vida. Pergunta J. V. Pina Martins: “Já algum dia experimentaste, caro Leitor, como é diferente ler uma poesia de Horácio, ou de Virgílio, ou de Petrarca, por um livro mal encadernado e por um exemplar de edição raríssima encadernado por um grande artista?”<sup>2</sup>.

A resposta não vem enunciada no livro. Compreende-se, há sensações e sentimentos intraduzíveis, para os quais as palavras são supérfluas ou correm o risco de (entre)cortar o enlevo. No modo interrogativo, porém, fica patente que há novidades que apenas cada um pode experimentar e que, relativamente a uma edição modelar, persistem afectos tanto mais profundamente acalentados quanto mais se percebe o significado cultural desse livro, depois de serem escrutinadas

---

168 x 102 mm., [144]fls.). Trata-se de edição aldina, que se serve do elegante tipo cursivo inventado por Aldo e desenhado por André Grifo. É a segunda obra de autores clássicos em formato de bolso (*manual*) planeada por Aldo e por ele lançada a público em 1501. Depois do seu mítico Virgílio, de Abril, Horácio é de Maio; segue-se Petrarca, em Julho; Juvenal e Pérsio, em Agosto; Marcial, em Dezembro. A edição é considerada uma das dez mais raras das aldinas. Recentemente, um antiquário apresentava para venda um exemplar ao preço de 27 374,00 USD (19 000 euros). O exemplar faz parte da Biblioteca Pina Martins, no Centro de História do Banco Espírito Santo, em Lisboa, Praça do Comércio, para onde transitou a Biblioteca reunida pelo seu proprietário, por generosa e lúcida decisão do Presidente do Conselho de Administração do BES, Dr. Ricardo Salgado, quando solicitado pelo Presidente da Academia das Ciências de Lisboa a realizar a aquisição daquela Biblioteca para evitar que ela entrasse em deriva de efeitos imprevisíveis quanto à sua conservação.

<sup>2</sup> José Vitorino de Pina Martins, *Histórias de livros para a História do livro*, ed. e introd. Aires A. Nascimento, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p. 127.

as razões das escolhas do editor e serem conhecidos os efeitos decorrentes do seu trabalho<sup>3</sup>.

Havia afecto profundo àquela edição renascentista, que era uma das mais valiosas de quantas se perfilavam nas estantes da sua biblioteca. Esse afecto exprimia-o Pina Martins em modo de reciprocidade, pois (confidenciava) os grandes autores e as melhores edições procuram aqueles que os amam.

Nesse universo, cabiam sobretudo as edições aldinas que revisitava com frequência, entre elas o *Iamblicus*, impresso em 1497, e o *In calumniatorem Platonis*, de Bessarione, publicado por Aldo em 1503. Persequira também o *Plato* de 1513, em que o mesmo editor se dirigia a Leão X e, por entre o louvor das letras (que só a paz permitia assegurar), comparava a novidade da imprensa com a gesta que os Portugueses estavam a realizar nas Índias.

Sabia bem Pina Martins que as edições aldinas representavam escolhas editoriais marcantes de um tempo. Sumamente bem estruturadas, constituíram modelo tipográfico decisivo na história da difusão do livro e da leitura. Tiveram elas honras de serem transportadas para a *Utopia*, na versão de Tomás Moro, pela mão de Hitlodeu, o português que, no seu génio de aventura e na loquacidade que mal se impõe, a todos nós representa. Eram clássicos, gregos (sobretudo) e latinos (alguns), os livros que eram levados para a Nusquama (nome latino da Utopia). Com isso se queria significar que para o

---

Preparámos a edição a partir do dactiloscrito que recuperámos da versão informática. Posteriormente, por diligências de Dona Primula Pina Martins, foi-nos possível ter acesso a versão corrigida pelo autor, mas deixada em lugar menos habitual (as alterações são mais de forma que de conteúdo, mas esperamos integrá-las em futura edição, tanto mais que a obra mereceu oportuno Prémio de Ensaio do Pen Club Português).

<sup>3</sup> Na edição de Juvenal, também em 1501, Aldo explica a seu amigo Cipião Carteromaco: “Preparámos e agora damos a público as *Sátiras* de Juvenal e Pérsio num formato deveras pequeno de tal maneira que possa ser mais facilmente tomado na mão e aprendido de cor (para não falar em ser lido) por quem quer que seja”. As fontes tipográficas de Aldo para os formatos *in 8.º* haviam sido desenhadas pelos calígrafos Pompónio Leto e Bartolomeu Sanvito e foram moldadas por Francesco Griffio, de Bolonha.

Novo Mundo havia que transportar o que de melhor fora registado pela escrita no Mundo Antigo, e passado a livro impresso nos Novos Tempos. A unidade do mundo podia fazer-se não apenas pelas novas vias abertas pelos mares, mas também e sobretudo pelos novos instrumentos que, multiplicados, tornavam acessíveis os textos no encontro dos povos, numa nova ecúmena de cultura partilhada. As suas formas elegantes cabiam na palma da mão e os caracteres eram facilmente legíveis para que a leitura estivesse ao alcance de todos.

Este traço de união entre dois mundos (o antigo e o novo) define a personalidade de Pina Martins devotada ao estudo dos tempos do Humanismo Renascentista, em que o aprofundamento das leituras dos Antigos serve as novas expressões (vernáculas ou latinas) que interpretam a *dignitas hominis* numa nova consciência da fragilidade humana e no compromisso de dar plenitude à complexidade das relações humanas, sentidas agora na largueza da ecúmena estendida à diversidade das gentes e na dimensão do tempo que vinha de longe e se pretendia projectado em sonho de futuro. A lição que nos deu Pina Martins em *Utopia III* é feita de sentido da medida, de serenidade contemplativa e juízo crítico, de conversação bem-humorada, de cruzamento de memórias com aspirações de uma Humanidade reconciliada consigo mesma, ufana da sua memória distendida (como a do quadro de Dalí), sem transgredir a regra básica do “conhece-te a ti mesmo” e sem abdicar da dignidade do Homem, sempre em construção.

No seu currículo de escritor, iniciado em 1941, começou Pina Martins por ser poeta e tradutor (contámos 21 trabalhos). Utilizava um pseudónimo, mas abandonou-o cedo, logo que, alargando horizontes, a experiência o levou, como Petrarca no Monte Ventoux, ao encontro de novas vivências através dos grandes livros que o traziam a novos horizontes. Revia-se sobretudo nos livros quinhentistas que escolhia meticulosamente, lia detidamente e dava a ler com um carinho que lhe granjeou amigos e admiração em todas as partes. Tão

regular foi o seu percurso que até parece ter sido programado para chegar a cada um dos livros que veio a figurar na sua biblioteca e com os quais criou convívio, pela leitura partilhada, em acto em que se condensava o tempo de séculos de cultura. Com serenidade e nobreza realizava diariamente esse encontro com antigos Autores e seus grandes textos, na companhia daqueles que, ao longo dos tempos, com esses mesmos autores e textos tinham também convivido.

A esse convívio compareciam, em lugar primeiro, as figuras de Pico della Mirandola e Erasmo. A primeira era figura emblemática, particularmente pelo seu *De dignitate hominis*, e por isso tinha o seu retrato bem em evidência na sala da biblioteca para presidir à leitura<sup>4</sup>. A segunda simbolizava a sabedoria irénica e magnífica no juízo filológico certo que ultrapassava as derivas dos textos e na magnanimidade de um coração generoso e sincero que integrava em sentido maior o que outros tomavam como bandeira de combate. No santuário das grandes leituras figuravam Dante e Petrarca e o olhar repousava em Tomás Moro, o santo traído na própria entrega à sua Nação pelas autoridades dela, mas capaz de, por entre as vicissitudes de uma carreira de dedicação à vida pública, apontar o lugar (sem lugar) em que se conciliassem as aspirações do Mundo Novo com as do Mundo Antigo. Para a mesa de convívio eram convocadas ilustres figuras de homens de letras com quem Pina Martins havia trocado leituras e formado a consciência dos longos tempos de cultura. A cada passo de uma conversação (em cadeia de memórias inesgotáveis) surgiam os nomes de grandes leitores (como Marcel Bataillon e Eugenio Asensio, sobretudo estes), mas também grandes exegetas (como Paul Vicaire, Henri de Lubac, Eugenio Garin, Germain Marc'hadour, Jean Claude Margolin) e tantos outros que nos corredores da Universidade (como

---

<sup>4</sup> O quadro foi objecto de acto aquisição recordada em *Histórias de livros para a História do livro*, pp. 111-116.

Rebello Gonçalves, Jacinto do Prado Coelho, L. F. Lindley Cintra) e das salas das Academias ou dos passeios pelos livrinhos-antiquários lhe serviam de interlocutores.

Cada livro da biblioteca de J. V. Pina Martins era habitado por textos vivos e declarava a sua história. Já noutra ocasião tivemos oportunidade de escrever que ele amou os livros e cedo começou a reconhecer neles uma identidade que lhe revelava os meandros da cultura ocidental. Como grande leitor que era, colocou-se ao nível de outras figuras cimeiras que, pela leitura, contribuíram para nos restituir uma memória comum, na sua largueza e plenitude. Se Jorge Luís Borges escreveu que preferia ser recordado como leitor a ser tido como escritor, Pina Martins, pela exactidão e pelo enlevo com que mantinha as suas leituras (que citava de cor e reconstituía em pormenor de página de uma edição relevante), responde, em bastantes dos seus traços, a essa personagem que Borges, em registo especular, retratou como “Funes, el Memorioso”. Sabia sempre a hora exacta, como o “cronométrico Funes”; como ele, familiarizou-se depressa com os textos clássicos e, como ele, mantinha a memória deles (no caso de Funes, a *Naturalis Historia* é uma sinédoque pela vastidão que encerra) e deles fazia motivo de partilha. Se nos vem à lembrança Ireneo Funes, sem qualquer outra intencionalidade que não seja a de sublinhar o prodígio de memória que era e o seu amor pelos clássicos, fica-nos também o contraste com ele, através da outra realidade de quem já fez entrar na eternidade os atributos antigos, continuando a olhar-nos com a serenidade aprendida nos clássicos e com a qual sempre nos olhou:

Disse-me que antes daquela tarde chuvosa em que o fez estatelar-se o lajedo, ele havia sido o que é toda a gente: cego, surdo, atolado, desmemoriado. (Procurei lembrar-lhe a sua percepção exacta do tempo, a sua memória de nomes próprios; não fez caso.) Dezanove anos havia vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir,

esquecia-se de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdera o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase insuportável, de tão rico e tão nítido, e também as memórias mais antigas e mais triviais. Pouco depois deu-se conta que estava paráltico. Isso mal o preocupou. Admitiu (percebeu) que a imobilidade era um preço mínimo. Agora a sua percepção e sua memória eram infalíveis.<sup>5</sup>

Também a memória de Pina Martins nos maravilha e para ele era um dom que admitia encontrar em todos os seus interlocutores.

J. V. Pina Martins retinha particularmente as edições que dão ao leitor um instrumento cuidado, correspondente à dignidade da obra original. Uma edição banal, que não cuida a forma de apresentação, não é respeitadora nem do texto nem do seu autor e não serve o leitor com a dignidade que prepara para a leitura. Uma edição aldina, em compensação, tem a sobriedade e a elegância tipográficas de que o leitor precisa para conferir ao texto a reverência que ele merece e dar à obra o aconchego que o afecto reclama.

O exemplar da edição aldina de Horácio de 1501 (mesmo sem os retoques de iluminura de alguns exemplares) era uma das jóias que podia ser apresentada como modelar. Com toda a razão, Pina Martins gostava de o mostrar, pois merecia o seu

---

<sup>5</sup> Reconheço que não me é fácil adequar na tradução os registos às modalidades do espanhol argentino. Tome-se o original para superação de algum desvio: “Me dijo que antes de esa tarde lluviosa en que lo volteó el azulejo, él había sido lo que son todos los cristianos: un ciego, un sordo, un abombado, un desmemoriado. (Traté de recordarle su percepción exacta del tiempo, su memoria de nombres propios; no me hizo caso.) Diecinueve años había vivido como quien sueña: miraba sin ver, oía sin oír, se olvidaba de todo, de casi todo. Al caer, perdió el conocimiento; cuando lo recobró, el presente era casi intolerable de tan rico y tan nítido, y también las memorias más antiguas y más triviales. Poco después averiguó que estaba tullido. El hecho apenas le interesó. Razonó (sintió) que la inmovilidad era un precio mínimo. Ahora su percepción y su memoria eran infalibles.” Não é desconhecido que o conto de Borges esconde uma teoria da memória em que a nitidez de pormenores se contrapõe à capacidade de abstracção; o nosso homenageado seria exemplo do contrário como também o era na capacidade de comunicação, em contraste com a figura autista de Funes.

carinho. Sendo extremamente rara e procurada<sup>6</sup>, essa edição é exemplificativa de um momento inovador do livro na cultura europeia e da tradição dos textos clássicos nessa mesma cultura. No formato pequeno e na elegância dos seus caracteres, permite que a leitura passe da sala de estudo para os espaços comuns, dos tempos delimitados (da escola) para os tempos abertos (não tanto do ócio, mas particularmente dos intervalos do trabalho) – garantindo-lhe o afecto que se concede ao que é familiar e se ama, pois se pode segurar na palma da mão ou guardar em bolso superior, junto do coração. Quando a essa leitura se acrescenta um valor de testemunho (que é o da sua representatividade num mundo de cultura que recupera os textos antigos e lhes confere o juízo crítico de um editor empenhado em divulgá-los no seu tempo), o exemplar não precisa de vir dos prelos venezianos de Aldo, pois ganha uma dimensão que transcende a sua materialidade.

Os textos clássicos mereceram esse desvelo e com isso Pina Martins impôs-se e destacou-se, como poucos, nos nossos meios pelo cuidado com que examinava as edições que andavam dispersas e apareciam aqui e além, em almoedas ocasionais, sem que outros lhes dessem especial atenção (mesmo quando reclamavam preços exorbitantes).

Quando foi convidado para ensinar na Faculdade de Letras de Lisboa, a começar no ano lectivo de 1961-1962 (estamos em cinquentenário), José Vitorino de Pina Martins vinha para ensinar a disciplina de “História da Cultura Moderna”<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Ainda que não tanto como a de Virgílio, que a precedeu em 1501.

<sup>7</sup> O convite fora-lhe formulado pelo Prof. António Gonçalves Rodrigues (sabemo-lo de fonte segura; administrativamente, assinava o Prof. Vitorino Nemésio, perfunctoriamente Director da Faculdade de Letras), que conhecia o trajecto de Pina Martins, se apercebera da importância da sua cultura bebida em meios romanos e sabia que, apesar de ele ter contrato recente com a Universidade de Poitiers, para onde se transferira, depois de experiência em La Sapienza, em Roma, o contributo, que ele podia dar ao desenvolvimento da Reforma da Faculdade de Letras em 1957 se revestia de singular importância. Facto é que o plano apresentado pelo Director da Faculdade de Letras,

No entanto, por vicissitudes possíveis em ambientes académicos, teve ele de mudar de rumo e ocupar-se da “História da Cultura Clássica”, de parceria com o P.e Manuel Antunes. Por inopinado que isso lhe fosse apresentado, foi-lhe dado demonstrar que os estudos que vinha cultivando permitiam propor uma dimensão nova, entre nós, no estudo da tradição dos grandes textos clássicos, pelo convívio que trazia das melhores edições renascentistas.

Infelizmente, embora sem obstáculos ao seu ensino na Faculdade de Letras, poucos estavam dispostos a acompanhá-lo e raros eram os que se davam conta do alcance de um ensino que partia dos testemunhos materiais e por eles procurava chegar à tradição clássica através dos melhores representantes da cultura ocidental em tempo particularmente significativo da recuperação dos seus textos, como foi o tempo do Humanismo Renascentista. Haveriam, todavia, de se render à evidência os mais cépticos quando lhes foi dado aperceberem-se do alargamento cultural que isso representava.

De facto, a sua perícia em analisar os testemunhos impressos trazia ao nosso meio uma competência específica que ninguém conhecera antes. Deu brado a análise que Pina Martins fez do exemplar do *Tratado de confissom* (Chaves, 1489) que tinha sido adquirido por um livreiro-antiquário de Lisboa que estava incerto sobre o que tinha entre mãos. Pouca ressonância obteve a arrematação por ele garantida de um pequeno caderno apontado como sendo de um misterioso Henrique Caiado que ninguém reconhecia como sendo HERMICUS, humanista português que passara por Itália, granjeara o aplauso de Erasmo (que o menciona tanto nos *Adagia* como no *Ciceronianus*) e tivera a honra de discursar na

---

Prof. Manuel Heleno, aos órgãos competentes (no caso, o Conselho Escolar), para o novo ano lectivo, foi contraditado por um dos professores, Delfim Santos, que avocou a si tal disciplina, por ser afim daquela que ele próprio ministrava, Filosofia Moderna.

Universidade de Pádua em 24 de Outubro de 1503<sup>8</sup>. Poucos estariam também em condições de entender o interesse que Pina Martins dedicava à *Historia Apostolica* de Arator com os comentários de Aires Barbosa (Arius Lusitanus), em edição de Salamanca de 1516, ou o *Vincentius* de André de Resende, de 1545, em Lisboa. Só alguns entenderam o seu interesse pelos *Moralia* de Plutarco, que, no entanto, foi obra fundamental nas leituras dos humanistas e influenciou literariamente muitos dos autores modernos, pois era básica na formação das *litterae humaniores*. Alguns mais reconheceram a importância da leitura que Pina Martins ia propondo das obras latinas de André de Resende, de Damião de Góis, de Jorge Coelho, ou de Jerónimo Osório, e do seu esforço em promover o estudo desses textos, ao lado de Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro.

Era bem conhecido o seu interesse pelos textos do Humanismo, sendo-lhe familiares as obras dos seus melhores representantes, como Dante, Petrarca, Pico della Mirandola, Angelo Poliziano, Marsilio Ficino, Erasmo, Tomás Moro. Poucos terão advertido na sua sensibilidade pelos textos clássicos trabalhados pelos autores renascentistas. Um Tito Lívio, de 1520, que inclui, pela primeira vez, o livro XXXIII e a última parte do livro XL, após o cap. 37, mereceu-lhe atenção, pois representa um momento relevante no tempo da cultura europeia e a edição é testemunho insubstituível, já que desapareceu o manuscrito de que o editor se serviu.

Quando respondemos ao seu convite para darmos em tradução portuguesa o texto da *Utopia* de Moro, tivemos ocasião de seguir de perto as suas confidências sobre o seu encontro com esses autores e com as respectivas edições, através de peregrinação persistente por livreiros a que resgatara exemplares perdidos. Não lhe tinham sido proporcionados esses interesses pela Universidade (sempre pródiga

---

<sup>8</sup> Trata-se de Hermici Caiadi *Lusitani Oratio habita publice Patavii Nono Calendas Novembris M.D.III.*

em despende tempo em conferir diplomas, mas avareza em prodigalizar motivos de interesses para chegar à tradição dos autores e distende o cânone a que se agarrou). Foi a descoberta do afecto multiplicado de uns autores por outros que o seduziu a fazer peregrinações regulares pelos poisos dos livros – fosse em Roma, em Paris ou em Lisboa. Por si mesmo, e na companhia de alguns grandes Mestres, como Eugenio Asensio e Marcel Bataillon (em longas tardes sobretudo com o primeiro), construiu ele a sua Biblioteca interior, em horas de fim de tarde prolongadas pela noite dentro, preenchidas com leituras intensas e saboreadas.

Seleccionando testemunhos da memória da cultura, ao longo da sua vida, Pina Martins habituou-se aos melhores autores e aos seus textos, leu com a profundidade de quem sintoniza com eles, os coloca no ambiente cultural que os trouxe até nós, os acolhe no vigor da sua representatividade e procura a sua integração na memória de tempos passados para a transmitir a tempos futuros. Fez do livro instância maior de relações humanas – intensas e calorosas. Fez da leitura partilhada o melhor modo de construir um universo de cultura. Fica como luzeiro a iluminar caminhos. À Academia das Ciências entregou ele, certo dia, um incunábulo do *De civitate Dei*, de Santo Agostinho, em edição veneziana de 1475<sup>9</sup>. Fê-lo declaradamente para completar um elenco de cem incunábulos, número que queria fosse simbólico do interesse dessa Casa pela cultura do livro e dos velhos autores, iniciado por outras figuras luminosas como Fr. Manuel do Cenáculo. Com mágoa sentiu depois que o incunábulo ficara esquecido e clamava pela sua companhia<sup>10</sup>. Honrar-nos-emos a nós se tivermos em conta o seu reparo como lição que é e assim deve ser tomada<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Cf. *Livros quatrocentistas da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Academia das Ciências, 1992, n.º 3, p. 8.

<sup>10</sup> Cf. *Histórias de livros para a História do livro*, pp. 225-231.

<sup>11</sup> Como cólofon, para testemunho da cerimónia em que se integrou este texto, aqui

---

lavramos registro: “Foi este texto acabado de escrever, em Lisboa, a 18 de Janeiro de 2010, dia em que J. V. de Pina Martins completou 90 anos de vida. A pedido do Secretário Geral da Academia das Ciências de Lisboa, foi ele lido em sessão extraordinária comemorativa desse aniversário, no dia 21 de Janeiro, véspera da Festa de S. Vicente, diácono, patrono da Cidade e da Universidade de Lisboa”.